



Documents of 20th-century Latin American and Latino Art

A DIGITAL ARCHIVE AND PUBLICATIONS PROJECT AT THE MUSEUM OF FINE ARTS, HOUSTON

WARNING: This document is protected by copyright. All rights reserved. Reproduction or downloading for personal use or inclusion of any portion of this document in another work intended for commercial purpose will require permission from the copyright owner(s).

ADVERTENCIA: Este documento está protegido bajo la ley de derechos de autor. Se reservan todos los derechos. Su reproducción o descarga para uso personal o la inclusión de cualquier parte de este documento en otra obra con propósitos comerciales requerirá permiso de quien(es) detenta(n) dichos derechos.

Please note that the layout of certain documents on this website may have been modified for readability purposes. In such cases, please refer to the first page of the document for its original design.

Por favor, tenga en cuenta que el diseño de ciertos documentos en este sitio web pueden haber sido modificados para mejorar su legibilidad. En estos casos, consulte la primera página del documento para ver el diseño original.

Quiçá a espécie humana está ameaçada? A onda de erotismo nas artes será uma advertência e uma proteção contra uma ameaça? Observamos que o fenômeno Madona e Bambino na pintura italiana se desenvolve após o despovoamento da península provocado por doenças contagiosas e após a queda do Império Romano (ver a minha obra *Os ossos do mundo*).

As manifestações intelectuais do cristianismo que se aliam às manifestações feministas da história em proteção à mulher e aquisição dos seus direitos, podem ser consideradas como um erotismo indireto e como uma ação que visa impedir a aniquilação do centro procriador.

Nos primórdios da evolução do homem, o início das manifestações artísticas se originou na sensação de fome; hoje é o sexo que preocupa e orienta as manifestações artísticas. Tanto a fome como o sexo representam dois pontos cruciais na sobrevivência do homem. Sem a satisfação de um e de outro não há sobrevivência. Se as manifestações artísticas de hoje alcançam uma intensidade erótica nunca vista antes, é que há algo no curso da história que exige essa intensidade. Vimos que o passado demonstra haver uma relação entre a intensidade sexual na arte e as ansiedades da história, portanto, a ansiedade erótica da atual geração não somente é um gráfico que aponta para uma situação futura mas também é um comportamento que induz a essa situação.

É sabido que a ansiedade sexual e conseqüente procriação aumenta à medida que um perigo se aproxima. Isto é observado no mundo animal e até mesmo no florescimento antecipado nas plantas e na intensidade de reprodução das bactérias.

Observamos também que essa insistência de erotismo rumando para a realização do ato sexual é uma demonstração bem clara que o ato sexual não estava sendo realizado com escassez, com uma periodicidade imprópria, ou bem com parceiro inadequado. O erotismo conservado em estado latente permanente e elevado a uma potência máxima conduziria o indivíduo portador desse erotismo a um estado de impotência, interrompendo a realização do ato sexual. Isto, é claro, quando consideramos que qualquer aumento no erotismo se transforma num sinônimo de insatisfação do ato.

Por conseguinte, para que o erotismo possa alcançar um alto grau, é necessário um longo período de ausência do ato sexual ou de insatisfação na prática do mesmo.

Equacionando com o momento que passa podemos prever grandes catástrofes despovoadoras ou períodos de impotência, que são igualmente despovoadores.

O erotismo que se apresenta potencialmente como um convite ao ato sexual para garantir sobrevivência, é também, quando elevado a um alto grau, um fator de despovoamento, pela impotência que produz. Esses dois aspectos contraditórios mostram a sutileza do assunto: o mal e o bem localizados no mesmo organismo e que se manifestam desta ou daquela maneira conforme a intensidade do desejo erótico.

Um dos aspectos marcantes do erotismo é ser ele um grito de liberdade. Na sua exibição sem censura ele se insurge contra todo e qualquer pudor.

Todas as amarras que o retinham bem comportado e bem escondido são rompidas. A explosão se apresenta agressiva e com frequência obscena, [o] engodo do sexo é total. O observador não reage porque no seu íntimo ele sabe e sente a verdade.

Urge constatar que tanto o erotismo como o clamor de liberdade surgem em organismos que se encontram reprimidos e oprimidos, organismos que sofreram os constantes recalques da insatisfação. As sociedades humanas - como elas se encontram organizadas ainda hoje - não permitem a livre satisfação dos desejos sexuais no momento em que estes aparecem: isto é, na puberdade. Portanto, os períodos que sucedem à puberdade são períodos de repressão e de recalque com suas intensidades sexuais transferidas para um terreno literário e artístico, onde se manifestam em erotismo. A escolha da literatura e da arte para essa transferência sexual é compreensível porque ambas oferecem formas visuais e fantasias que sugerem e enaltecem o prazer sexual.

Casa, homem e paisagem

Diário da Noite. São Paulo, 19 jul. 1930

UMA TESE CURIOSA – A CIDADE DO HOMEM NU

O mundo caminha, progride. O estudo das legislações atuais nos leva à convicção de que as cidades futuras terão que abordar problemas opostos aos trazidos até hoje pelas concepções cristãs da família e da propriedade privada.

Cumpra a nós, povos nascidos fora do peso das tradições seculares, estudar a habitação do homem nu, do homem do futuro, sem

deus, sem propriedade e sem matrimônio. No norte da Alemanha, como em diversas partes do mundo culto, a ligação livre é um fato. A concepção do Estado como único proprietário tende a se impor com a socialização dos filhos e da fortuna, sendo que, na conservadora Inglaterra, o imposto sobre a herança já atingiu os 40 por cento. O homem perseguido pelo ciclo cristão, embrutecido pela filosofia escolástica, exausto com 1.500 anos de monotonia recalcada, aparece ao nosso século como uma máquina usada, repetindo tragicamente os mesmos movimentos ensinados por Aristóteles. O ciclo cristão destaca-se sobre as outras religiões por ter dominado o homem mais civilizado. Mas este homem civilizado acorda para ver no ciclo cristão a destruição de si mesmo. As outras religiões são narcóticos idênticos. O burguês venera o passado e os acontecimentos do passado tal como o concebeu uma tradição decaída: ele repete o passado sem saber por que; ele aos poucos destrói o seu organismo, as possibilidades de progresso e mudança.

Nos dias de hoje a fadiga é manifesta, o homem máquina do classicismo[,] moldado pela repetição contínua nos feitos seculares do cristianismo, não mais pode aturar a monotonia dessa rotina. Ele perecerá asfixiado na seleção lógica, pelo mais eficiente, pelo homem natural.

A fadiga o ataca, ele precisa despir-se, apresentar-se nu, sem tabus escolásticos, livre para o raciocínio e o pensamento.

Apresentar sua alma para pesquisas; procurar a significação da vida. Violentamente atacado de cristianismo, o processo que cura será talvez lento, mas não impossível.

Perseguido pelos tabus da sociedade, ele limita a seus desejos, aperta o seu cérebro, impedindo o raciocínio de funcionar, dando preferência à repetição por encontrá-la feita; evitando a todo custo e a todo instante a mudança, transformação indispensável ao progresso.

Por que entravar o progresso com o velho mecanismo escolástico; por que venerar o passado, quando não conhecemos nenhum limite ao pensamento; por que abafar os nossos desejos, quando não conhecemos a natureza última desses desejos, não conhecemos sequer as conseqüências desses desejos?

O homem livre, despido de tabus vencidos, produzirá coisas maravilhosas, a sua inteligência liberta criará novos ideais, isto é, novos tabus, o seu ego se selecionará automaticamente em grupos, procurando caracterizar em cada grupo uma série de tendências.

Livre, ele sublimará os seus desejos com saciedade, aparecendo logo novos desejos, apontando para novas tendências ... isto é, mudando ... progredindo.

Livre, ele se organizará automaticamente, porque não encontrará nenhum impedimento social que proíba organizar – e poderá progredir.

Presentemente, ele labora lutando contra as suas tendências sem um objetivo em vista, sem saber por que ele luta, nem aonde vai. É um mecanismo de repetição não produtivo, é um mecanismo nefasto que procura destruir o que há de mais grandioso; procura destruir a sua possibilidade de melhorar, de progredir.

O homem se destrói a si mesmo, sem saber por quê.

A visão de uma nova era se apresenta para a humanidade. Um novo momento atrai o homem: como progredir?

A sua índole repele o passado, porque no passado nada viu senão a repetição dos dogmas inconvenientes. Ele deseja saltar fora do círculo, abandonar o movimento recorrente e destruidor de sua alma, procurar o mecanismo de pensamento que não entreve o seu desejo de penetrar no desconhecido.

Pesquisar a sua alma nua, conhecer a si próprio.

Mas, qual será esse mecanismo?

Em São Paulo, fundou-se há alguns anos a ideologia antropofágica, uma exaltação do homem biológico de Nietzsche, isto é, a ressurreição do homem primitivo, livre dos tabus ocidentais, apresentado sem a cultura feroz da nefasta filosofia escolástica. O homem como ele aparece na natureza, selvagem, com todos os seus desejos, toda a sua curiosidade intacta e não reprimida. O homem que totemiza o seu tabu, tirando dele o rendimento máximo. O homem que procura transformar o mundo não métrico no mundo métrico, criando novos tabus para novos rendimentos, incentivando o raciocínio em novas esferas. Esta idéia iniciada em São Paulo por Raul Bopp, Oswaldo Costa, Clóvis Gusmão, Oswaldo de Andrade e outros, com ramificações no Rio e outros Estados, foi entusiasticamente recebida pelo filósofo Keyserling e o urbanista Le Corbusier, que viram nela um meio de progredir: uma possível felicidade longínqua. O homem antropofágico, quando despido de seus tabus, assemelha-se ao homem nu. A cidade do homem nu será sem dúvida uma habitação própria para o homem antropofágico. Lá ele poderá sublimar os seus desejos organizadamente. Lá ele poderá sentir em si a renovação constante do espírito; o movimento da vida aparecerá de um realismo estonteante e ele compreenderá que viver é raciocinar velozmente e dominar os tabus pela compreensão.

A cidade americana não é mais a cidade-fortim da conquista. Ela será a cidade geográfica e climatérica, a cidade do homem nu, do homem com raciocínio livre e eminentemente antropofago.

A cidade antropofágica satisfaz o homem nu porque ela suprime os tabus do matrimônio e da propriedade; ela pertence a toda coletividade, ela é um imenso monolito funcionando homoganeamente, um gigantesco motor em movimento, transformando a energia das idéias em necessidades para o indivíduo, realizando o desejo coletivo, produzindo felicidade, isto é, a compreensão da vida ou movimento.

A cidade do homem nu será toda ela a casa do homem. O homem encontrará na sua casa imensa as suas necessidades organizadas, arquivadas em locais apropriados, permitindo o acesso fácil e imediato. Ele não perderá energia inutilmente como o nosso homem de hoje. A sua fadiga será a mínima, o seu rendimento espantoso surpreenderá a ele próprio; ele encontrará na sua vida uma nova felicidade, a felicidade da eficiência: um novo orgulho, o de ter conquistado a sua alma, o orgulho da compreensão da sua existência e do desejo de mudar sempre.

A cidade organizada formará um único monolito com aspecto uniforme. O aspecto será função das necessidades do homem. Ela simbolizará pelas suas formas, pelas suas cores, o mecanismo da alma do homem nu.

A cidade será a imagem matemática do homem livre, o homem que repeliu a angústia do dogma escolástico, do homem que libertou o seu raciocínio de uma decrepitude indesejável.

As necessidades do homem serão concêntricas por ser a disposição concêntrica mais igualmente acessível a todos. Elas serão localizadas em círculos concêntricos. O bem-estar geral da cidade, a magnitude da eficiência da vida da cidade, depende da posição relativa dessas zonas.

Uma zona inconvenientemente locada, em relação ao centro, poderá trazer sérios distúrbios no equilíbrio orgânico das cidades, perturbando o seu processo.

As nossas cidades de hoje são verdadeiros pandemônios e vivem em constante desequilíbrio.

O homem de hoje gasta as suas energias inutilmente devido ao organismo doentio da cidade. A cidade cansa o homem, destruindo a sua energia vital.

O homem da cidade de hoje não aproveita a sua capacidade de produção, não pode aproveitar, porque o organismo burguês desorganizado tudo faz para aniquilar no homem o gosto pela vida, o entusiasmo de produzir coisas, o desejo de mudar.

A cidade do homem nu será a metrópole da oportunidade, um centro de sublimação natural dos desejos do homem, um centro de rea-

nimação de desejos exaustos; um grande centro de produção de vida orgânica, de seleção e distribuição desta vida em formas de energia útil ao homem. Um grande centro de pesquisas para descobrir as coisas do universo e da vida, para conhecer a alma do homem, torná-la métrica e utilizá-la no bem-estar da cidade. A cidade do homem nu é dominada pelo centro de pesquisas; é esta a única autoridade constituída; ele seleciona e distribui, de acordo com o critério científico, ele domina e ordena todas as energias da metrópole, ele é o deus mutável, o deus em movimento contínuo, o deus-símbolo do desejo maravilhoso de penetrar no desconhecido. O centro de pesquisas, em forma de um anel externo, é concêntrico com os outros anéis. Ele é o primeiro anel da cidade.

O centro de ensino e orientação do homem é um anel anexo ao centro de pesquisas. O centro de gestação, máquina imensa onde a vida estudada, catalogada, se encontra isolada por um parque do centro de pesquisas.

Devido às magníficas condições higiênicas das cidades, o centro hospitalar é pequeno e faz parte do centro de pesquisas.

A erótica ocupa na vida do homem nu uma posição de destaque. O homem nu selecionará ele mesmo as suas formas de erótica; nenhuma restrição exigirá dele este ou aquele sacrifício; a sua energia cerebral será suficiente para controlar e selecionar os seus desejos.

A zona erótica é realmente um imenso laboratório onde se agitam os mais diversos desejos, onde o homem nu pode encontrar a sua alma antiga, pode projetar a sua energia solta em qualquer sentido, sem repressão, onde ele realiza desejos, descobre novos desejos, impõe a si mesmo uma seleção rigorosa e eficiente, forma o seu novo ego, orienta a sua libido e destrói o ilógico, aproximando-se assim do deus-símbolo, sublima angústia do desconhecido da mutação do não métrico.

A religião tem o seu lugar adequadamente localizado na zona erótica, sendo ela uma forma de erotismo, como ficou esclarecido pelo mecanismo de Freud.

O centro de alimentação está também situado na zona erótica. A administração se encontra no núcleo central da cidade, assim como a locomoção, que é toda subterrânea, e se irradia desse núcleo.

A habitação está localizada num grande anel central próximo à administração.

A cidade do homem nu é a habitação do pensamento; o homem produz idéias que são orientadas e aproveitadas na melhoria da raça e no caminhar do progresso.

E uma grande máquina de idéias para calcular o meio de progredir sempre, calcular um processo de constante renovação mental.

Os núcleos industriais e produtivos estão situados fora da grande máquina de calcular. A cidade do homem nu é um motor gestador de idéias, que orienta e dirige o país, movimentando a indústria e a agricultura, preparando o homem para ser feliz.

O continente americano, pela sua privilegiada situação histórica, está mais apto que qualquer outro a contemplar o problema do homem nu.

O continente americano não herdou do passado o recalque trágico da filosofia escolástica; ele possui elementos próprios para criar uma civilização nova, um novo mecanismo despido dos tabus da velha Europa, uma renovação científica e estética que o colocará na vanguarda da organização humana.

Convido os representantes da América a retirarem as suas máscaras de civilizados e pôr à mostra as suas tendências antropófagas, que foram reprimidas pela conquista colonial, mas que hoje seriam o nosso orgulho de homens sinceros, de caminhar sem deus para uma solução lógica do problema da vida da cidade, do problema da eficiência da vida.

Diário de S. Paulo. São Paulo, 22 dez. 1955

I - DESCONGESTIONAMENTO DAS CIDADES – TRÂNSITO

O problema do trânsito e do transporte numa cidade está ligado às zonas de concentração onde pernoitam e descansam os habitantes[,] e às zonas onde esses habitantes trabalham. Os habitantes se locomovem principalmente entre esses dois pontos. Nas cidades existentes observa-se uma tendência para a localização do comércio no centro (com dispersão para outros centros, uma vez que o anterior se encontra saturado), e para a localização da indústria na periferia.

Freqüentemente, a indústria aparece mergulhada num dos centros; isto sucede porque a periferia se dilatou com o crescimento da cidade. Numa cidade inteligentemente planejada e dirigida não seria tolerado semelhante acontecimento. Infelizmente, as cidades existentes foram e são dirigidas por políticos que freqüentemente influem até mesmo no planejamento. O centro primitivo conserva-se sempre como sendo o centro, conquanto dilatado em seu contorno, e é para este centro que boa parte dos habitan-

tes converge e se afasta. Este grande centro torna-se o local dirigente da cidade: nele se encontram os grandes bancos e as grandes empresas, as grandes repartições públicas.

Os outros centros satélites existentes, formados pela dilatação da cidade, são centros de menor importância. As ruas das cidades existentes sempre se desenvolvem do grande centro para fora. Esta evolução natural forma um dispositivo de vias de comunicação que não é tão absurdo, nem tão defeituoso ao técnico atual, dispositivo este que apresenta, de maneira generalizada, os característicos de uma teia de aranha: radiais convergindo para o grande centro, entrecortadas por vias paralelas em forma de grandes círculos.

Portanto, o principal escoamento de habitantes dá-se pelo grande centro que, conseqüentemente, encontra-se superlotado e congestionado. Para descongestionar o grande centro, torna-se necessário aumentar a velocidade do trânsito, do centro para fora e de fora para o centro.

Este é um problema delicado e complexo. Na superfície, tal como ela existe, é impraticável dar ao trânsito grande velocidade para que este escoe de maneira adequada. O trânsito rápido por cima da terra seria dispendioso demais, envolvendo desapropriações inconvenientes aos cofres públicos.

O problema está, pois, em estabelecer em torno do grande centro uma cinta de entrada para os trens subterrâneos que o cruzariam radialmente. Os habitantes se locomoveriam na superfície dentro desta cinta, transportados por unidades leves de baixa velocidade. Outro dispositivo hoje usado para descongestionar centros é a adoção de vias de cruzamento diametrais, de alta velocidade, na superfície, umas sobre as outras, ligando-as aos círculos concêntricos. Estes tipos de cruzamentos são de custo elevadíssimo. Recentemente, em Detroit, construiu-se um único, que custou quase cinco bilhões de cruzeiros.

A remodelação de uma cidade para trânsito rápido exigiria a construção de muitos desses centros!!

Diário de S. Paulo, São Paulo, 25 dez. 1955

II – A CIDADE NO AMANHECER DO SÉCULO E O NOVO HOMEM

O homem que nasceu com o começo do século viu-se dentro de cidades impróprias ao seu uso. O homem do começo do século é, intelectualmente, uma explosão numa nova direção. O apareci-